

Maria Helena (Araújo)

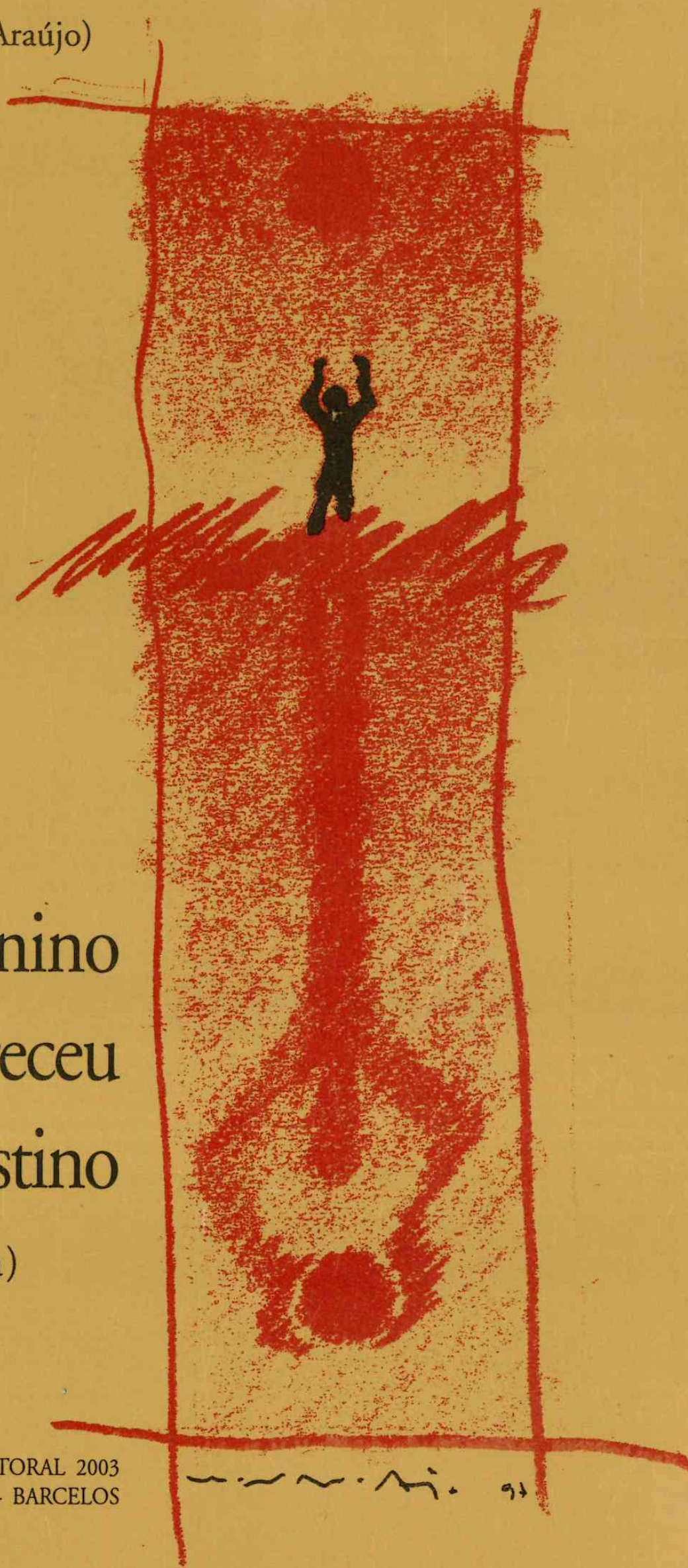
O Menino que Mereceu Outro Destino

(biografia)



Dias, Aníbal da C.

EDITORAL 2003
POUSA – BARCELOS



O menino que mereceu
outro destino
(biografia)

Maria Helena (Araújo)



Barcelos
Pern



Aníbal da Costa Dias,
nasceu em 25 de Junho de 1929,
em S. Martinho de Bougado – Trofa

A ti... companheira de viagem e de noites
onde semeaste luar e estrelas de sorte

à família - certeza verde

Aos amigos que me ajudaram na subida

Aos operários

e...

a todos os que percorrem os meus caminhos e os meus
sonhos...

Celso

Prefácio

Foi com interesse crescente e sem qualquer hiato que li esta narrativa de Maria Helena (Araújo).

E não prescindo de chamar-lhe maravilhosa negando a vulgaridade ou o vazio com que muitas vezes se tem predicado as obras em apreciação.

Permito-me, pois, reafirmar que esta obra é deliciosa a vários níveis.

Porém, o que nela mais sobrelevo são as evocações que a autora sabe despertar numa descida ao fundo de um passado — relativamente recente — onde muitos dos leitores viveram quando meninos.

Eis uma dessas evocações: “os filhos dos homens que nunca foram meninos” odisseia cantada por Soeiro Pereira Gomes que, como no tempo de Pai Dias as crianças brincavam às escondidas apressadamente, em sustos como se estivessem a cometer crimes, punidos de imediato.

E para esses a quem a vida não respeitou nem vontades, nem sonhos, nem a fragilidade de pulsos... o escritor pugna por um naco de sol e um metro de jardim.

A grande lição desta obra é que Pai Dias e filhos trocaram as voltas ao destino tomando eles conta do sol.

E daquelas fumaradas do negro carvão souberam erguer a luz dos dias que nem Ulisses nem Eneias ultrapassaram tão heróicas aventuras.

Por isso eu fruí a leitura desta bela e habilmente condensada epopeia que, em jeito de real biografia, a escritora Maria Helena (Araújo) oferece à nossa reflexão como um triunfo da luz sobre as trevas.

Parabéns pelo motivo pertinente de meninos nossos contemporâneos que habitam o rosto do planeta a morrerem de fome e em total orfandade.

Mas esta pequena grande narrativa, repito, deliciosa, de lapsos de tempo e espaços bem concretizados e tão sinestésicos que nos fazem viver tudo na carne, é por si só, também, uma aventura... uma ousadia...

É que, as biografias, geralmente não se escrevem em vida. Com o “mudar dos tempos e das vontades” podem alterar-se os comportamentos do biografado ou até, do modo de ver do biógrafo e acontecer desencanto.

Não será o caso de uma biografia a este nível de sensibilidade e de coerência deste homem herói que implica responsabilidade de padrões de honra e de honestidade.

É-me grato entrar na diegese vital (e não efabulada) desta narrativa como parcial narrador intradieético que pode falar com o herói dela e dizer-lhe: Obrigada, Miúdo, (herói que não é herói miúdo) por este exemplo de tenacidade, de coragem, de autoconfiança.

Aperto a mão a toda a família e formulo o voto de que, tendo agarrado o sol e sabendo que o isso lhe custou, não o largue e saiba ajudar os outros que não

tiveram um pai a acender-lhes uma luz no túnel ou a abrir-lhes uma cubata para carvão de vida, carvão de estrelas...

Louvo todos os “Miúdos” que se agigantaram em luta titânica e a quem assentam de pleno direito as palavras de Camões: “àqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando” e merecem as palavras de carinho de Golda Neir: “choro pelas crianças que nunca viram uma flor”.

Obrigada Maria Helena (Araújo) pela sua qualidade de escritora de ficção e de realidade.

As suas metáforas afectivas entram-nos na alma. Com o domínio perfeito da técnica da narrativa e pela fluência, clareza e correcção de prosa poética notável em maravilhoso popular e no aspecto de antropologia social — obra útil em tradições, valores e lições de base.

Obrigada por este tónico social para continuarmos a acreditar.

Obrigada por mostrar aos jovens que hoje têm tudo “prêt à porter” que a vida não dá a todos esses direitos.

Obrigada por salientar nesta obra valores humanos esquecidos: a dignidade, a auto-estima, a coragem de cumprir a palavra dada.

Bem haja,

Maria da Conceição Campos
(escritora, poetisa)

ÀQUELAS MÃOS...

Mãos que abraçam e dão

... e beijam e ensinam

Mãos de calos verdes

Sem sono...

sem direitos

sem afagos

Mãos que avançam

porque rezam

madrugadas e crianças...

Mãos que não conhecem a noite

nem a agonia dos pássaros

Mãos que fizeram poemas de linho

em carvão

percorridos de eternidade

Mãos com outros caminhos

Mãos de homem...

Mãos de menino que mereceu outro destino...

1.

Passa um Mercedes pelas ruas de Bougado – Trofa, outrora ermo maninho percorrido por Miúdo e Jiriquina.

Refúgio de pobres, os caminhos e carreiros eram de lama, mato, codeços e silvas. Mesmo mesmo como azinhagas de feiticeiras ou sítio de expiação para almas penadas. Aliás, não faltavam mochos a piar, de noite, no coruto dos pinheiros. E até a menina Inês da Gandra já tinha ouvido falar de quem eram os espíritos que por ali andavam a pedir rezas para se livrarem da sentença eterna de expiação nos mares coalhados.

Todos sabiam que uns não tinham cumprido promessas feitas em vida, outros levantaram calúnias a moças solteiras, outros roubaram, outros mudaram

os marcos de divisão dos terrenos durante a noite e, ainda, um tinha carregado um carro de mato em dia santificado pela Igreja. Pelos vistos, o pobrezinho adormecera durante a homilia da missa e não se deu conta de que, no meio da semana, havia um dia santo a respeitar.

De qualquer modo e em qualquer terra deste verde Minho, nunca é bom sinal ouvir-se o mocho. Ou morre gente ou vem alguém pedir rezas. Depois é preciso ir à bruxa da Travagem ou de Ermesinde que levam os olhos e a pele a quem lá vai aflito.

Quantas pessoas se têm desgraçado com doenças e fome porque todo o dinheirinho que arrajam não chega para elas.

Verdade é que poderá haver gente que nos queira mal e nos deite mau olhado ou feitiços.

A menina Inês, porém, prefere acreditar no padre que nessa gente que se governa com o dinheiro dos pobres. E não tem medo.

Um dia, ao arranjar a campa dos pais viu quatro embrulhos no cemitério. Resolveu pegar neles para ver o que aquilo era.

O coveiro, Neca Grande, que conhecia bem aqueles sistemas, gritou-lhe:

— Não mexas nisso, Inês, que te dá desgraça... é feitiço!

— Porquê?

— Porque se vira o feitiço contra ti e ficas perdida da tua vida!

— Ai sim?

Que é que me pode acontecer?

— Pode esse espírito que anda por aí meter-se em ti e corre-te a vida toda ao contrário. Poderás ter doenças que os médicos não curam e desgraças negras na tua casa. Depois terás de ir a alguém de virtude que te ajude a fechar o corpo.

— Obrigada pelo aviso, mas não tenho medo. E a decidida e valente Inês foi ver.

Os embrulhos tinham terra de cemitério, arruda, palhas alhas, alecrim e mais coisas misteriosas como cabelos, patas de galinha e dentes de alimária. Mas pelos vistos, não lhe aconteceu nada.

Inês é prima direita de Miúdo.

Chamavam-lhe Miúdo, os pais porque era o mais magrinho de todos os irmãos.

2.

Estava a começar o segundo quartel do Século XX.

Miúdo e sua família tinham muito que fazer para ganharem pão para tantas bocas que todos os dias se sentavam à roda da fogueira, na sua pobre cabana, com a tigela da sopa na mão.

A cabana era de madeira coberta com um toldo.

O chão era de terra, nos quartos também era de terra e as camas eram bancos com tábuas e um colchão de palha em cima.

É certo que, para os pais, havia um escano com uma tábua que descia na hora da refeição e servia de mesa. Assim, era mais confortável comer à lareira.

Mas naqueles tempos de indústria titubeante em Portugal, sem oficinas, o ramo que avançou foi o da construção civil, em cujas casas cresceram postos de trabalho feminino para empregadas domésticas.

Para os homens, porém, era difícil arranjar emprego porque, enquanto no estrangeiro já havia milhares de máquinas a vapor aplicadas à indústria, (desde a lançadeira de John Kay, que tornava mais rápida a tecelagem manual, à fiadeira mecânica, que melhora a qualidade do fio e da trama, a novas fiadeiras, teares automatizados, etc...) em Portugal, uns anos atrás, só havia quatro máquinas a vapor e a média de máquinas que se importavam nessa data era de oito por ano.

Sem máquinas, a industrialização portuguesa era lenta e frouxa. Não se podia competir com o estrangeiro nem em qualidade nem em quantidade. Valiam-nos as províncias ultramarinas — nessa altura colónias para onde se escoava o produto nacional, cliente que mais tarde, com a guerra, viria também a falhar.

Esta situação explica que as duas freguesias de Bougado (S. Martinho e Santiago), constituintes da actual cidade da Trofa, até 1958 só tivessem 398 habitantes tendo subido, em 1981 para 12 000.

3.

Em 1925, tudo ali era ermo e sem dono. Lá se refugiaram Pai Dias – carvoeiro – e famílias de pastores com ovelhas e cabras.

Ao lado da cabana de Miúdo era a casinha do tio Hermínio, pai da Inês. Mais abaixo era a casa do Salvador, a da Albina e a da Maria da Gandra.

Sempre se deram como Deus com os anjos antes da revolução de Lucifer.

Eram vizinhos simpáticos, cordiais, pacatos, prestáveis e unidos.

A fonte era a 2 Km, na Abelheira.

Tinham que passar caminhos e carreiros, por montes e campos.

Às vezes, o cântaro partia-se e as crianças chegavam sem ele e sem água. E ainda apanhavam uma sova.

Um dia, exactamente na tarde da consoada, os donos dos campos e de montes, não querendo que se fizesse carreiro pelos seus prédios, proibiram a mãe Maria de passar.

Aí começou a guerra das mulheres que se juntaram e diziam: ou passar, ou um poço.

Os proprietários tapavam o caminho da fonte.

No mesmo dia as mulheres derrubavam o muro.

Certo dia, porém, os Senhores colocaram lá uma pedra que pesava toneladas e era verdadeiramente intransponível. Claro que, já nesse tempo, a cabeça das mulheres nada ficava a dever, em massa cinzenta à dos homens e resolveram o problema: a Maria da Gandra, a mãe Maria, a Albina e outras fizeram ao lado da pedra uma cova de pica e pá. Está-se mesmo a ver que a pedra se deslocou para a cova e as mulheres venceram a guerra.

Os lavradores não tinham mais nada a fazer mas, ressabiados, pegaram fogo aos palheiros daqueles pobres.

No entanto, tempos depois, fez-se lá um poço com a seguinte inscrição: "Poço Público — Câmara de Santo Tirso — 1948". Essa ruela ficou a chamar-se R. Do Poço Público.

Os meninos continuavam a ir à água e a fazer outros serviços. Só não tinham tempo para brincar nem para sonhar.

Mas Miúdo, quando a mãe não via, descalço e remendado em várias camadas, era como um pássaro em liberdade. Corria com os primos e os amigos. Era o Quim Pimenta, o Abel, o Rascanheira e até os irmãos mais velhos que suspiravam por serem os meninos que nunca foram. Corriam ao despique com os mais pequenos. Iam pelos caminhos onde agora são ruas com nome, saltavam aquelas pedreiras cheias de água e lama e faziam coisas das quais até *o diabo se ria*.

Logo, logo, porém, uma voz chamava e lá iam perfilados, todos os trabalhadores de palmo e meio.

Cada um tinha tarefa marcada.

Pai Dias, a mãe e os filhos mais velhos iam para os montes arrancar trepos – raízes de árvores cortadas pelo pé – donativos piedosos de proprietários.

Com eles se enchia a cubata que à noite ia fazer carvão.

A primeira que fizeram foi do outro lado do caminho, agora R. Marquês de Pombal.

Cavaram uma grande cova redonda no chão. Punham os trepos a toda a volta com um buraco no meio para respiração.

Depois, cobria-se tudo com ervas e terra para que a combustão fosse lenta e a lenha requeimasse sem arder.

Acontecia, porém, durante a noite, que várias vezes se abriam janelas de fumo. Aí, pai Dias de pá em punho alumiado por Miúdo com um lampião bem dorminhoco avançavam para tapar os respiros. Senão, ao outro dia, em vez de carvão tinham cinza.

E era preciso pão...

4.

Os tempos eram de guerra, de desemprego e de fome.

E da mesma maneira que, nas classes sociais elevadas, se continuava a Teoria do “Homunculus” do Século XVII, obrigando a criança a portar-se como um adulto nos salões, nas classes desfavorecidas a criança trabalhava como gente grande, pois era considerada “adulto em miniatura”.

Diziam os crescidos: “trabalho de menino é pouco mas quem o perde é louco”.

O trabalho de Miúdo era, portanto, de noite:
— Aníbal! Pega no lampião. Vamos!

Miúdo aí está :

Cinco primaveras por completar

Cinco dedos em cada mão

Dois olhos com asas

... e a paciência confiante de um menino junto ao pai.

Pobre Aníbal!

Sacudido várias vezes durante o sono, só um árabe, para orar antes que o Sol entre no céu, teria a aceitação e a resignação do pequeno Miúdo.

Era preciso.

Ao outro dia, aquele carvão ia dar pão.

A mãe ia vendê-lo na feira e trazia depois, dentro de uma saca de retalhinhos de chita todos emendados, uma sêmea que sabia a céu, um quilo de arroz para comerem no Domingo e um pedaço de riscado de camisa para um irmão ir lavado à escola e à doutrina.

— Pobres como pássaros, nunca andamos a pedir nem tuberculizámos — diz Aníbal.

Era a dignidade dos cristãos que nascem de pé e não de joelhos diante de outro homem igual a si, que, para ter algo, se mexe e se desdobra.

Vieira tinha razão quando se batia, nos sermões da corte portuguesa, por trabalho e não por esmola.

Pai Dias sempre seguiu a sabedoria chinesa de não dar a quem tem fome mas de ensinar a angariar.

A paisagem onde se situava a barraca de Pai Dias era de planície, cercada logo adiante, no lado Sul pelos montes da Abelheira.

Horizontes pequenos e calmos, não geravam a ansiedade e a ambição das paisagens das altas montanhas nem a tacanhês dos sítios isolados.

Viviam em quietação e pouco bastava àquela família: o pão de cada dia e a fortuna do exame da 4^a classe a cada filho.

Todos a fizeram menos Aníbal, o Miúdo que, em um ano de escola fez dois e achou que sabia o suficiente para se governar bem na vida.

Queria ser lavrador.

A família bastava-se com mínimo mas esse mínimo era bem difícil. Foram tempos pardos para esquecer.

Ao fim de um dia de trabalho vinha sempre a noite. Seca ou molhada, fria ou quente e Aníbal e Pai Dias em Via Sacra à volta da cubata.

Que pão!

Mas havia pão!

E os meninos aprendiam a trabalhar e ganhavam estímulo para a vida vendo os resultados do seu esforço.

E não havia suicídios na classe trabalhadora, nem meninos traumatizados nem complexados nem revoltados.

Nunca se ouviu falar de problemas psíquicos ou médicos dessa especialidade. E havia bons trabalhadores, talvez porque é de pequenino que se torce

o pepino. E também não havia pressas. “Grão a grão ia a galinha enchendo o papo”.

Descalços na água ou sobre a geada, não conheciam gripes, anginas ou constipações. Os pés inchavam com o frio e gretavam .

Nessa altura, escrevia Augusto Gil na sua “Balada da Neve”:

« (...) Que quem já é pecador

Sofra tormentos ...enfim!

Mas as crianças senhor!

Por que lhes dais tanta dor?

Por que padecem assim?»(...)

Na primeira comunhão porém, ou no exame, havia sempre umas alpercatas que serviam a todos os irmãos.

5.

Com uma psicologia de luta mas iguais a tantos outros, os Dias não se sentiam inferiores. Era a vida. Viviam juntos e unidos. Todos sentiam, como seus, os problemas dos outros. Ninguém tinha coragem de comer uma maçã inteira se os outros não tivessem outra maçã.

Se fosse preciso dividir uma sardinha em duas partes ou em três para chegar para todos, dividia-se.

E todos os problemas de subsistência se resolviam pelas suas próprias mãos e pelos seus recursos, tanto em alimentação como em vestuário e calçado.

Já moços, punham o pé numa tábua e riscavam, com um lápis, a medida do pé. Depois, com um serrote, cortava-se a tábua pelo risco. Pregava-se, com taxas, uma tira das que iniciam ou fecham a teia e ali estavam umas sulipas para um moço aparecer em público.

No Verão, com o suor, os pés escorregavam na tábua e despregavam a tira. Mas havia sempre uma pedra ao lado para a pregar novamente e seguia-se caminho.

Os sapatos velhos, sem sola, pregavam-se também em pau e que ricas chancas para o Inverno.

Os fatos conseguiam-se no alfaiate, a partir dos velhos que os “fidalgos” lá deixavam quando iam fazer fatos novos.

Aníbal recorda-se bem que o seu primeiro fato novo foi o do casamento.

O problema do espaço da cabana complicava-se mais na cama.

Só havia um quarto e uma cama improvisada para todos os rapazes.

Por isso, quando um acabava a escola, ia servir para se sustentar e dar lugar, na cama, a outro que estava a sair do berço porque outro estava a nascer, mas todos vinham no Natal.

Traziam produtos dos campos dos lavradores onde trabalhavam.

E nunca passaram fome de pão, mesmo em plena guerra, porque sempre os patrões lhes disponibilizaram grão que eles moiam e faziam o pão no forno da cabana.

E aquela noite de Natal era mesmo a Noite Santa.

Não havia prendas, nem luzes, nem festa.

Era o calor humano da família reunida.

Era o pulsar do mesmo sangue à volta da mesma fogueira a comerem as mesmas batatas — naquele dia molhadas em azeite.

Era a verdadeira e a grande noite de Natal.

E que força dava aquela fogueira! ...

Nem tristeza, nem solidão, nem nenhum dos males que afligem o mundo, nem segredos nem stress.

Era a linguagem do amor verdadeiro sem palavras de amor, nem gestos, nem atitudes especiais.

Era o amor porque “sim” numa paz de verdade e transparência sem ressentimentos nem melindres, nem artifícios.

Aquela cabana era casa de pássaros... um presépio!

Era como um amigo sábio e enrugado a dar-nos certezas, confiança e sonhos calados de meninos pobres que tinham de trabalhar mas poderiam, um dia, ser alguém.

Aquela cabana!

Estrela cadente que pode dar a volta ao mundo e ao céu...

Luz só havia a da fogueira e nas festas uma candeia de petróleo para todos.

A cabana...

Músicas eram três: a da chuva que caía a poucos centímetros da cabeça, do outro lado das tábuas, a do vento com a voz dos pinhais e mensagens do além, e o crepitar da chama que falava do abraço redondo do sangue.

Que sinfonia!

Eram músicas que acalmavam, que embalavam, que faziam promessas de futuro:

— Podes crescer, ter emprego, ser alguém.

— Como?

Sendo todo o tempo pouco para trabalhar, crescia a incógnita e a esperança dentro do peito de Miúdo.

Uma claridade quente lhe embalava a alma. Não vislumbrava nenhum caminho por onde pudesse nascer o seu sol mas algo lhe dizia com voz firme:

— “Vais ser alguém”.

E a fé de um menino é como o mundo na palma da mão. É como a bola que salta, salta, ou o pião louco bailando ilusão.

6.

Miúdo tinha muita força e coragem e era feliz.

Sempre bem disposto aprendeu a ser menino sonhando e brincando às escondidas, alegre, olhando o mundo de maneira diferente com olhos e coração de ave.

Talvez conseguisse um amanhã sem idade com música nas calçadas da vida...

Sonhos de criança, amor de andorinha num coração verde criado pelos montes.

Ele sentia porque o bebeu em família que só se é homem quando se vence de pé, olhos nos olhos e cara levantada.

Assim, Aníbal não tinha inveja a ninguém, nem revolta, nem insatisfação.

Trabalhava de verdade e sem manha.

Entretanto fazia recados à mãe. Ia à mercearia com o livro e pedia-lhe para pôr lá muitas coisas

porque não custava nada. Era o livro que pagava.

Havia outro serviço que Miúdo fazia de dia. Era apanhar bosta de gado para um cesto e vendia-se. Dava pouco mas já era algum.

Podia fazer ainda outro serviço: cozinhar para a família que andava aos trepos para a cubata. Aníbal fazia fogueira a um pote de três pernas onde a mãe metia feijões.

Depois Aníbal metia batatas descascadas e hortaliça com barrigas de porco.

Quando a família chegava a mãe tirava carne gorda que todos esmigalhavam para dar gordura às batatas e às couves com pingota de carrascão.

No fim a grande sopa que lhes dava força para virarem o mundo.

Aníbal tinha ainda outra função ao fim de semana: levar num saco as ferramentas a Lousado para o serralheiro afiar.

Pelo caminho corria atrás do seu arco de arame, guiado pela haste de gancho recurvado na ponta.

Sentia-se príncipe e rei da sua liberdade.

Podia brincar todo o caminho.

Se lhe aparecessem colegas jogavam ao pião, ao botão, às escondidas. Mas não podia demorar muito porque já tinha tarefa marcada. 2\$50 na mão para ir buscar um garrafão de vinho ao lavrador.

Era vinho a \$50 o quartilho.

À noite cantava-se à volta da lareira, contavam-se anedotas e adivinhas e comentários ao que a vida circundante ia oferecendo como lições reais e de humanidade.

Todos afinavam o pensar e o sentir pelo diapasão da verdade da justiça, da caridade, da honestidade, da seriedade e de todas as virtudes do povo, muitas das quais o tempo já levou.

As tábuas da cozinha eram forradas a jornal.

Sem televisão nem rádio, isso servia de passatempo porque um pousava os olhos numa notícia e perguntava:

— Onde está isto que eu acabo de ler?

E obrigava os outros a lerem depressa para descobrirem.

Em boa verdade, a cabana do Pai Dias era o símbolo do amor pelo amor sem linguagem estruturada.

Era um espaço de crescer em maturidade e encontro consigo mesmo e com o mundo pelas histórias tradicionais que o pai contava e com as quais se aprendia a viver melhor a vida, a conhecer o mundo e a filosofia do ser e do estar e como se poderá viver melhor neste mundo sendo cada um ele próprio.

Assim se educavam gerações e gerações quando o homem era mais homem e mais humano.

Essa literatura oral ajuda a criança a encontrar o seu ideal de vida e a agir sobre certezas de princípios que entram no inconsciente como o ar que se respira ou a água que se bebe porque essas histórias são baterias de ensinamentos.

E naquele espaço de sonho, fantasia e esperança atingia-se o equilíbrio emocional e social pelo conhecimento da realidade em linguagem simbólica fascinante para o povo e para a criança.

Elas marcaram, como não podia deixar de ser, a personalidade de Aníbal.

Vejamos uma delas:

O Pastor

Histórias de quando o Senhor andava pelo mundo.

Era um pastor que guardava ovelhas no monte.

Um dia apareceu-lhe um pobre que lhe pediu um pouco da sua merenda.

O pastorinho deu-lha toda.

Então o pobre diz-lhe:

— Porque foste bom e generoso, pede-me o que quiseses que eu to darei.

— Como podes tu, pobrezinho, que nem sequer tens para ti, dar-me alguma coisa?

— Pede-me o que quiseres e eu to darei.

— Olha, dá-me então uma flauta que ponha tudo a dançar quando eu a toque.

— E logo a flauta apareceu e o pobrezinho desapareceu.

Então o pastor, sozinho na montanha, tocava de vez em quando a flauta para se divertir.

E as ovelhas dançavam como bailarinas de escola.

Acontece, porém, que o amo, vendo à noite que as ovelhas não levavam a barriga cheia pergunta ao pastor:

— Que se passa para as ovelhas não comerem?

— Sei lá meu amo. Se não comem é porque não querem que eu passo o dia todo, com elas, no pasto.

E o patrão foi ver.

Escondeu-se num silvado.

Quando o pastor o viu, tocou a flauta.

Dançavam as ovelhas e dançou ele no meio das silvas.

Picou-se até aos ossos.

Chegando a casa disse à mulher:

— Mulher, o nosso criado tem magia. Temos de dar cabo dele.

— Mas isso não se deve fazer porque é pecado.

— Temos de o liquidar senão pode liquidar-nos ele a nós. E já sei como vai ser. Tu aqueces água, pões-te com a panela nas mãos à entrada da porta. Logo que o rapaz entre, deitas-lhe a água por ele abaixo e ele grita e eu meto-o no forno.

O forno estava quente e o amo a jeito para meter lá o pastor.

Ele, porém, vendo pela fechadura aquele preparo, tocou a flauta e a mulher a dançar queimou-se toda, o homem a dançar entra no forno e o pastorinho, protegido pela mão invisível do Cristo Nosso Senhor, ficou ileso de tudo.

Assim se virou o feitiço contra o feiticeiro. “Quem com Deus anda, Deus o ajuda” — diz o povo.

E dizem os cristãos: “Se Deus é por mim, quem será contra mim?”.

Aníbal e os irmãos lembravam-se:

Bem aventurados os limpos de coração que verão a Deus, os mansos que possuirão a terra, os que usam de misericórdia porque alcançarão misericórdia (...), etc...

Assim Aníbal ia aprendendo a lição da generosidade e da distribuição.

Tem a noção de que Deus habita no próximo necessitado e que na vida se devem pôr a render fora do alqueire todos os dons que temos.

E que a caridade é a maior virtude. Ela gere a justiça e a justiça produz a paz.

E que se podem resolver por bem e com humor, traições e “espertezas” que nos cercam.

E mais.

Aprendeu coerência entre os princípios em que acredita e as obras que pratica.

Histórias da cabana, ao pé da fogueira sobre terra, com filosofia polícroma e verdejante que resultaram numa mudança de destino...

Venham cá os maiores economistas aprender com um semi-alfabetizado, a grande ciência dos cifrões honestos a partir do nada.

Venham os sociólogos aprender relações humanas e públicas ao ponto de, num primeiro contacto comercial, dois pobres desconhecidos trazerem um cheque que dava meio carro novo, sobre mercadoria que se ia ainda buscar a uma terra mal conhecida, alguma da qual sairia dos teares na manhã seguinte.

Venham os médicos gerontólogos dar receitas alimentares para saúde, resistência e longividade a quem comia o que podia e trabalhava sem horário, vendendo saúde e atingindo quase um século.

Também os pedagogos poderiam construir um tratado de educação e prevenção contra a droga ou contra o crime, contra a guerra, contra o mau humor e o stress

e contra o tédio juvenil de uma vida sem norte.

Sem casa, os Dias sempre tiveram lar.

Era um cantinho de estarem todos, de se escutarem e se sentirem e dialogarem sem segredos nem egoismos nem suspeita.

E a vida sucedia-se com o ritmo natural do amanhecer e do anoitecer.

Mãe Maria, alta madrugada, já vendia carvão na Trofa em sacos que Jiriquina transportava às costas, guiada por Pai Dias e Miúdo.

Jiriquina, a santa jumentinha da família, ainda hoje é lembrada por todos – parentes, amigos, vizinhos.

Foi a grande amiga.

Sem ela, o pão negro do carvão seria muito mais negro.

Ela conhecia todos os caminhos e clientes.

E enquanto pai Dias acabava as contas com o freguês de trás, ela avançava sozinha e parava na porta do freguês seguinte.

Como era inteligente e compreensiva!...

Calma, serena, resignada, também ela parecia sentir o dever do trabalho e da ajuda.

Também ela sentia e conhecia os mesmos caminhos e necessidades.

Vimo-la partir com olhos molhados como ave que debandou no Outono...

Foi a amiga, a companheira, a nossa ajudante que percorreu as nossas calçadas e os nossos dias.

Parecerá mal dizer aqui:

“Obrigado, Jiriquina, por toda a tua ajuda.

Sem ti teria sido bem mais duro o nosso pão.

Sentimos saudades dos teus relinchos de cio, dos teus suspiros e afagos, do teu olhar meiguinho quando te falavam.

Dizia a ti Maria da Gandra que, para seres “cristão”, só te faltava falar.

A tua imagem, Jiriquina, ficou em nós, no meio de flores brancas e de Sol de Primavera a rir.

Bem hajas pela tua simpatia, pela tua ajuda, pela tua companhia e sê feliz no teu novo dono ou no céu dos jumentinhos que, por certo, existirá.

7.

Pelos seis anos, Aníbal sonhava ser lavrador. Seria um pão mais branco.

Trabalhar de dia com a luz do Sol, com a verdade e o carinho dos bichos...

Eram como irmãos mais novos com quem podia falar e entender-se. E a noite seria para dormir.

Um belo dia, o Sr. Vicente pediu à Mãe Maria se deixava o Aníbal ir com ele à feira da Trofa vender os bois.

E lá foi Aníbal, todo contente, a puxá-los pela soga.

Não tinha medo dos bois que eram gigantes com coração de mel.

O pior era quando lhes mordida a mosca ou o dono lhes assentava o pau pelo dorso e os bois levantavam a cabeça. Nessa altura, Aníbal ficava pendurado no ar pela soga.

Baloioço estranho!

— *Mas depois era muito bom porque o Sr. Vicente dava-me pão e figos de ceira.*

Na realidade, Aníbal e a família não tinham medo de nada. Nem dos bichos, nem dos feitiços, nem das feiticeiras, nem sequer das histórias da tia Ana Gonçalves de Paradela.

Eram histórias que pareciam mesmo verdadeiras mas o Sr. Abade nunca ensinou, na doutrina, aquelas coisas.

A tia Ana bem dizia que aconteceu com o irmão dela, o Manuel.

Mas Aníbal não viu.

Pelos vistos, contava ela, que o Manuel fora, num serão, visitar a namorada.

Ao passar no lugar das Bicas, numa encruzilhada que dava para a casa deles, viu um carneirinho branco a balir e pensou que foi algum pastor que o deixou ali perdido.

Manuel ia a pegar nele para o guardar e ao outro dia o dar ao dono, quando reparou que ele pesava muito.

E desconfiou logo que ali havia coisa...

Resolveu pô-lo no chão e o cordeirinho disse:

— “Pousa-me devagarinho para não quebrares o meu mijacinho.

Mas o mijacinho quebrou e ouviu-se um grande estoiro. Manuel assustado disse:

— Cruzes, Santo Nome de Deus!

E o cordeirinho desapareceu.

Aníbal já tinha ouvido histórias parecidas com porquinhos nas encruzilhadas, com galinhas e pintaínhos, mas outros caminhos mais importantes e sérios estavam por percorrer.

E caminhava sereno no meio de toda a gente.

Cada um era como era e ele tinha direito de ser ele e de não acreditar, porque ele era ele, os outros eram os outros e *um gato é um bicho e não há comparação*.

De vez em quando ia ajudar o Sr. António de Sá Couto do Monte da Gandra.

Tomava conta de gado, fazia recados, ia à erva.

Aos oito anos foi para a escola e chegou-lhe um ano.

Dali já sabia o suficiente para se defender na vida! E com os lavradores aprendia muitas coisas.

Aprendeu, na universidade da vida, quando vinha chuva pelas folhas das couves, pelo tocar do sino, pelo vôo dos pássaros, pela viagem e cor das nuvens, pelo apitar do combóio.

E muito mais.

Por isso, preferiu ir trabalhar e aos nove anos foi para a o Sr. Serafim de Sá.

Daí foi para Santo Tirso, para a Maria do Outeiro e marido, Sr. José Marinheira.

Que bom ser lavrador!

Sentia-se o cheiro do Sol e das plantas, a humanidade das conversas, o cumprimento amigo e sorridente de todos os que passavam.

Nessa altura, por ali as palavras eram de paz e traziam coração. E todos tinham sempre qualquer coisa a dizer: “Olá Manel, Já andas por aqui?”

— É preciso, Ti Rosa. Tem que ser.

E ninguém tinha pressa. O tempo chegava para tudo. Todos se ajudavam.

Como a sua jumentinha, Aníbal conhecia a terra e o homem e muitas coisas importantes para a vida.

Foi crescendo pelos lameiros, sem botas de água, a ganhar 100\$00 por mês e a comer o que a terra dava.

A Sra. Maria tratava-o bem. Dava-lhe comida igual à dos patrões e compreendia-o. Mas de certo não sabia o que ele brincava...

— (...)gri...gri...gri...

Que bom!

Vou apanhar-te na lura, grilinho!

Ponho uma palhinha para saíres e depois é só deitar água na tua toquinha.

Metto-te numa caixa de fósforos, dou-te alface e erva de grama e tenho um grilo preto a cantar branco para mim.

*Ai que um boi está a chegar às couves do vizinho.
E outro a atravessar a estrada!*

Espera um pouco, grilinho, que já venho ver-te cantar.

Que lindo! Parece uma música do céu!

Huá guá guéu guéu...

*É o milhafre que vem pelo céu fora à procura dos
nossos pintainhos para os comer.*

Vou gritar-lhe para ele fugir:

E Aníbal soltava os pulmões por aqueles montados:

“Minhoto sacoto

Que trazes no papo?

— Sardinha assada

— Quem ta assou?

— Maria gougou

À noite, no fim de rezar o terço, vinha cá fora ouvir a música dos bichos: grilos, relas, cigarras e rãs.

Nem os deuses do Olimpo conseguem guiar aquela orquestra!...

Não fazia falta grafonola, nem rádio nem televisão.

Dos gaiteiros que anunciavam as festas da Trofa sim, esses tocavam gaitas de foles que acordavam os meus sonhos.

O homem do tambor que me dava força e coragem de homem e me fazia tremer.

E os outros todos, cabeçudos e gigantones que alegria e excitação!... Faziam-me sonhar e pensar que ao outro dia estaria no parque da Senhora das Dores com a família e um merendeiro.

A mãe punha uma toalha branca estendida no chão, convidava todos os amigos para se juntarem, e de merendeiros juntos todos comiam de tudo como se fossem do mesmo sangue e habitassem o mesmo lar.

Claro que ao outro dia o trabalho continuava.

Mas se no monte aparecia algum primo ou amigo, jogava-se logo ao esconde — esconde, ao pião, aos botões, à patela, faziam-se azenhas com bugalhos e punham-se a girar nas águas do Ave, presas por pedrinhas e o mais que povoa os sonhos da criança.

Nunca se esqueceu da cabana.

E os segredos da música, do vento e da fogueira lá estavam a cantar no coração: “Hás-de ser alguém”.

Mas estes caminhos, embora verdes e sonhados, a ganhar 100\$00 por mês não levavam ao sol.

Aníbal tinha disso noção exacta.

No entanto, não podia ser de outra maneira.

Para agora há que segurar uma filosofia utópica: adoptar aquele mundo que não era seu, nem o levava a nenhum caminho de vitória. Mas iria viver nele como se fosse o seu planeta.

— *Espírito da chuva, da fogueira e do vento!*
Dizei-me por favor, onde é o caminho do meu sol e da minha vitória?

E foi embalando noites com a sua fortaleza proveniente da seriedade total no ser e no agir em que foi estruturando a sua personalidade.

E essa força interior dava-lhe uma altivez de raça que nenhum fidalgo ou nobre ousaria desafiar.

Um dia, porém, o moço grande do lavrador ia para a tropa e seria ele a substituí-lo.

Os seus quinze anos ainda não lhe facilitavam força para pegar na rabiça do arado e virar sozinho um carro de mato.

Não voltaria as costas à casa por preguiça ou negligência mas por incapacidade de resistência física própria da idade.

Apareceu-lhe então outro patrão.

O Sr. António Gaspar de Ervosa que lhe ofereceu 120\$00 por mês e os terrenos não eram lameiros.

Aníbal disse sim, mas como os contratos nesse tempo eram de ano a ano, o novo amo teria de esperar três meses para que ele completasse neste patrão o seu compromisso.

A dignidade dos homens de então, jogava-se em duas palavras orais “sim” e “não”, sem documento escrito nem presença de testemunhas.

Com o devido tempo avisou o patrão que ia sair, mas o patrão não acreditou. Quando se convenceu mesmo da saída do moço pequeno, prometeu-lhe

125\$00, mais um campo para ele semear e vender o que quisesse, mais uma leira de batatas e coisas sem destino.

O patrão jogou-se-lhe aos pés porque, além de Aníbal ser bom trabalhador, tinha lealdade e disponibilidade como se fosse filho da casa.

Não havia tempo de levar a mão à cabeça para pensar.

Era pegar e ficar.

Fim do marasmo à vista.

Eram lágrimas verdes em pleno céu.

— Pai, já não saio.

Nasceu o Sol debaixo dos meus pés.

— E a tua palavra?

E um homem que esperou por ti três meses?

Não, agora vais porque a palavra foi dada.

E a terra gelou.

Os ponteiros do relógio caminham devagar.

Aníbal quase não se identificava.

Tudo foram sonhos de neve que se desfazem ao primeiro raio de Sol.

Havia, porém, e só, uma hipótese: alguém influente fazer compreender ao novo amo a injustiça da desigualdade salarial do seu funcionário.

Se ele concordasse e desistisse, tudo bem, mas o amo disse “não” e ele foi.

Esperança e Sol...tudo por água abaixo.

Alguém acreditará?

É um percurso líquido à superfície conturbado, porém, no fundo, por hóspedes não convidados que nos habitam. Era a lealdade familiar da sua infância, do seu primeiro “habitat” — forças do inconsciente individual e colectivo que formam os tais anõezinhos poderosos e mágicos dos contos de fadas que nos percorrem nas profundidades mais íntimas das florestas interiores e comandam os nossos actos conscientes.

Será este fado velhinho aceite e entendido por olhos do século XXI?

Num mundo de consumismo exagerado onde se vê o cifrão como a salvação única sobre todos os valores, o próprio Aníbal situava-se numa linha de fogo cruzado entre a voz secreta do dever e a outra voz, também secreta da luta pela vitória.

Estavam em choque duas tentações opostas: a do fogo e a da água deslizante que nenhum dilúvio pode conter.

Venceu a dignidade, única riqueza dos pobres que dá força ao homem para se sentir de pé e poder levantar a cabeça diante de si e do mundo.

E embora este trabalho fosse do seu agrado muito melhor do que o do monte, Aníbal tinha a noção exacta de que por alí não era o caminho da

vitória. No entanto, não podia sair dele e só tinha uma possibilidade de momento: refugiar-se na sua filosofia utópica de adoptar aquele mundo e viver nele como se fosse o seu e gozá-lo o melhor possível.

Trabalhou muito e iria continuar, mesmo sabendo que este mundo adoptado era provisório.

Mas foi aproveitando tudo o que de positivo esse mundo lhe oferecia: o espírito divertido do patrão, os bons tratos da sua irmã viúva, a Sra. Laura, os petiscos de chouriço e ovos a correr ao meio do dia de trabalho e tudo o que de simpático e sincero havia naquele ambiente.

Aos dezoito anos cruzou-se com a Irene no caminho do trabalho — Ele para a fábrica do Arco em Santo Tirso, e Irene para a fábrica do Sr. Teles. Mas a estrada era a mesma. E a rapaziada fazia borgia. Que pândega!

Não havia anedota que não viesse à baila nem brincadeira que não se fizesse.

Então, no tempo das uvas, muito teriam que contar as ramadas da quinta de S. Bartolomeu nos caminhos da Telheira — caminhos velhos cheios de buracos, onde, no Inverno, se davam grandes saltos...

Pertença da família Gil Preto e Gil Branco, as uvas nada tinham a ver com o nome dos donos nem na cor nem no racismo.

E muita fome e muita sede mataram elas ao grupo que passava feliz porque ganhava 6\$00 por dia a aprender a tecer e ao fim de seis meses iria ganhar 8\$00.

E o amor começou a acordar embalado pelo canto dos pássaros no alto da manhã a caminho da fábrica e na cinza do entardecer às Avé-Marias.

Então Irene — Campo de Paz — iria ser o repouso do guerreiro.

Prometeu-lhe o Sim e o dia vestiu-se de verde e as pedras do caminho deram flores.

Mas a vida deste jovem não era só a fábrica. Antes de sair de casa tinha que regar o campo do Migas, a balde.

No fim da fábrica, voltavam a ajudar o pai no carvão e em tudo o que fizesse falta.

Tempo de trabalhar sem horário mas tudo era preciso. E não faltava boa disposição.

O Migas, que dera o nome ao campo por viver ao lado, era um companheiro imprescindível. Sabia tantas histórias ou mais do que Pai Dias, de quando o Senhor andava pelo mundo.

Não havia anedota que não fizesse rir até às orelhas nem gesto nele que não fosse cómico.

A alcunha veio-lhe da pobre mãe que gostava de migas. Mas o nome pegou nele e ele não se ralava.

Era um homem inteligente.

Pensava e muito bem que a vida é demasiado pequena para indisposições.

E pelo campo ou pelos montes à procura de lenha para a cubata, os Dias podiam contar sempre com a disponibilidade e boa disposição do Migas.

Em 1950, Aníbal regressa da tropa com a intenção de servir a quem desse mais. Foi então para a fábrica do Sr. Figueiredo, em Santa Cristina, porque a do Arco só dava três dias de trabalho por semana devido à crise da têxtil.

Nessa altura, Aníbal sentiu que não era justo obrigar a mãe a mais madrugadas.

Ele e Manuel António poderiam, à vez, resolver o problema da merenda para acompanhar a sopa que a fábrica oferecia.

Se bem combinou, Manuel António, melhor faltou e Aníbal aguentava sózinho o compromisso dos dois.

Manuel António, a quem as ordens do pai passavam por cima da cabeça e andavam, era senhor absoluto.

Se o pai lhe fechasse a porta para ele não mexer na sua fortuna — a bicicleta — ele saltava com ela pelo telhado e seguia como ser livre em pleno universo.

Claro que Pai Dias não era para brincadeiras e “quem dá pão, dá ensino” mas pouco adiantava.

Rezam as crónicas que Pai Dias experimentou forças, jogou box e fez muita ginástica com este filho. Mas sempre ele foi dono absoluto de si como rei independente.

É que, Manuel António — o mais novo de nove irmãos — era edição especial e contrastava com o irmão chegado na proporção do dia e da noite.

Aníbal — o pacato, o humilde, o respeitador, Manuel António — o rebelde.

Na vida, tudo iria continuar. Começavam sempre juntos porque, para vencer, é “a união que faz a força”. Mas na primeira curva possível, Manuel António procurava o seu caminho pessoal.

8.

O dia do casamento estava a chegar. E na hora da partida tudo são recordações.

A cabana, agora, já casa pequenina de rachão e barro mas tão feliz — sonho heróico de um carvoeiro onde Aníbal ganhara asas para grandes vôos, ía-se...

Aquelas árvores que davam sombra e lenha e caruma para cozinhar e aquecer e onde havia ninhos de passarinhos.

Por elas tinha subido e descido como ave livre no céu.

Casinha que ficou na alma como a maior lição da vida — o sofrimento e a luta.

Foi lá que ganhou a fortuna da seriedade no ser e no agir.

Com a fonte da Abelheira aprendeu caminhos de longo percurso em busca do grande oceano.

Afinal, também foi lá que se habituou a olhar as primeiras estrelas da tarde como quem se dá em luz a todos os homens.

Estes momentos de recordação vinham em catadupa, na medida em que a hora de partir se aproximava.

Eram as serenatas às raparigas no Domingo à tarde.

Eram as partidas da romaria quando um colega se demorava mais ao pé da mesma rapariga, dois uniam os braços em cadeirinha e apanhavam-no. E a pequena dele seguia só.

E mesmo crescidos, não perdiam uma oportunidade de brincar.

— Partidas e invenções não faltaram nunca. Faríamos, até, aquilo a que as nossas mães diziam: “fazem coisas que não lembram ao diabo”.

E falar de Diabo era um espanto porque nos foi ensinado, por entre dentes, que nunca se diz esse nome.

Ele pode ouvir e impecer-nos.

As palavras que se dizem para substituir o nome de demónio são: “ele”, “demo”, “bicho preto”, “farrusco”, etc...

Contava, até, uma vizinha que, no tempo em que todas as pessoas tinham que ir à desobriga, na Quaresma, isto é, para não se esquecerem e descuidarem da doutrina cristã, naquela época do ano,

tinham de ir à sacristia, no fim da Missa para responderem às perguntas que o Sr. Padre fazia sobre o Catecismo.

Se a pessoa respondesse certo, tudo bem, o padre desarriscava-lhe o nome e estava desobrigada. Era o normal.

Se não respondesse era uma vergonha diante de toda a freguesia.

Eram consideradas pessoas pouco inteligentes, semi-imbecis porque não tinham memória para reter o que constituía matéria primeira na vida humana.

Nesse caso, tinha que voltar para que o seu nome fosse desarriscado na lista do Sr. Abade, mas até lá, essa pessoa fartava-se de estudar a doutrina.

Se fosse empregada de servir, a casa que ela servia também ficava mal vista na aldeia por não ter brio em catequizar quem estava ao seu serviço.

Por isso, quando o Sr. Padre perguntou à criada de uma senhora bem afamada quais eram os inimigos do homem, a pobre rapariguinha respondeu: o mundo, a carne e engasgou-se. Faltava-lhe o 3^a que era exactamente o demónio.

Aí, uma filha da casa, envergonhada, segredou-lhe:
— demónio — burra!

Pobre Maria!

Entre a espada e a parede, corou e disse alto e de repente:

— Bichinho, Sr. Abade.

Esqueceu-se que, diante do Sr. Abade podia dizer demónio porque, com o seu poder e na Igreja ele não podia meter bedelho.

9.

A Boda

A noiva vem aí.

Ao contrário de superstições e praxes para o casamento dar felicidade, Irene apresenta-se, não de branco mas de fato preto e blusa branca, tudo roupa nova sem querer saber da tal peça usada, não levou nenhuma cabeça de arruda com cinco dentes, fez a sua cama e não houve chuva naquele dia.

Foram todos a pé para a igreja passando na ponte romana de Lagoncinha sobre o Rio Ave.

Passaram em cima das tábuas porque a ponte estava em reparação.

Eram cerca de vinte convidados, comeram cozido à portuguesa e daí a dois dias, os recém-casados seguiam para a fábrica.

A senhora Laura é que não os deixou ir para casa alugada e quis que fossem viver para a do Sr.

Gaspar já falecido. Viviam então com a mãe da Irene e os seus cinco irmãos solteiros.

Faziam as terras e trabalhavam nas fábricas.

— Mãe Rosa, santa velhinha que tanto nos ajudou! Cuidava as terras donde nos vinha o pão, o leite, as hortaliças, as batatas, as frutas, os ovos e as galinhas, a carne de porco e tudo o mais que os privilegiados filhos da terra podem conseguir.

Mãe Rosa!

Uma benção de fartura e ajuda ao serviço dos filhos empregados.

Bendita terceira idade produtiva e generosa!

Tempos depois, passava para a fábrica, a Irene com um latagão ao colo — o Manuel.

Num braço o filho e a saca das fraldas, noutro a marmita.

Mas a brincadeira continuava pelos caminhos além entre Ervosa e Santo Tirso.

Um dava colo ao Manuel, outro levava as fraldas, outro a marmita e a jovem mãe Irene chegava viva ao trabalho e com forças para o realizar.

Era o amor, de mãos dadas a ganhar o pão.

Pão branco e doce, comparado com o pão do monte e até dos lameiros e do arado.

Era o pão de resignação e de carinho.

Pão abundante.

Em 1954, 24\$00 por dia o casal... Já iria dar para se construir uma pequena casa para encher de amor.

Entretanto a Irene herdou uma terra em Lousado, no lugar da Alta-Peça e Aníbal foi construindo lá a sua casinha.

Sabem como é lutar por um sonho e conseguir?
Já tinha dois filhos e lá nasceram todos os outros.
Agora são os filhos que recordam a sua origem.

Essa casa foi o seu ninho
Ali beberam também
Asas de vento
e seguiram
em nuvem rosa
para além dos horizontes que o céu marcou

Um dia voltarão
Em busca de cordeiros de mel
Aninhados em cantinhos de bonança
Porque semearam ali
Sois de Trigo
Mares de linho,
...E os Sonhos brancos da sua infância

10.

Músicas da cabana, sonhos de menino pobre.
Como será outro caminho?
Como será o caminho da vitória?
Um caminho que cantava cheio de sol, calor
e música...

Pela indústria não se vislumbram novos horizontes.
Vem o Professor Marcelo Caetano acelerar a industrialização sob a fórmula: “evolução na continuidade”.

Iniciou-se então o grande projecto de Sines. Outras medidas de valor são tomadas. Mas o problema estava bastante agravado. Portugal não aceitara a Carta das Nações Unidas sobre o direito de todos os povos à autodeterminação.

Foi avisado pela ONU no fim da 2ª Guerra Mundial.

Foi ameaçado e começou a sofrer represálias. Perdeu a Índia e começaram os incidentes em Angola.

E se o nosso atraso técnico nos tinha penalizado, no que se refere a mercados europeus, agora foi atingida mais profundamente a nossa indústria porque iria perder também o mercado das colónias.

Mas não era só este o problema que a industrialização trazia à nossa terra.

Inerente à migração dos trabalhadores para os centros fabris onde o espaço era pouco para se poderem deslocar as famílias, as crianças erravam pelas ruas sem assistência.

Havia miséria física, doença e o nascer dos bandos e da delinquência.

Como lá fora, Lisboa e Setúbal, na qualidade de cidades pioneiras da tecnologia industrial começaram a sentir esse tipo de problemas humanamente trágicos.

Foi o caos logo a partir do início.

Por isso em França, a Condessa de Ségur no Século XVIII inicia a literatura infantil, conhecida na História por literatura côr de rosa, dirigida aos filhos da alta aristocracia — futuros governantes — sensibilizando-os para a necessidade de inventar soluções governamentais para esse flagelo novo.

Já no tempo de D^a. Maria I foi necessário, em Lisboa a fundação da Casa Pia. Logo a seguir vêm

os patronatos, os asilos, as creches e a compreensão em vez da recriminação.

A tragédia social atingiu de tal maneira a sociedade, tanto no aspecto da delinquência e da miséria como na mudança do capital do nobre-detentor da terra para o artesão burguês que enriqueceu sem bases culturais para apreciar a arte e os valores intelectuais, que se gerou uma inversão nas personagens e nos temas tratados pela literatura e por todas as artes plásticas.

Nessa viragem o Romantismo deixa de tratar figuras ilustres e aristocratas na pujança da vida e temas intelectuais de ilustração elevada dando lugar a personagens desprotegidas como: velhos, crianças, ébrios e miseráveis, e a todos aqueles que ascendem pelo trabalho honrado, e pelo sacrifício a lugares importantes. Começa uma tentativa de nivelamento de classes, mais concretamente em Júlio Dinis "Os Fidalgos da Casa Mourisca".

Passam assim os temas de um intelectualismo abstracto a temas concretos e sentimentais, único proceso de haver público leitor com capacidade económica de aquisição de obras, do que dependeria também a sobrevivência dos artistas.

E se por um lado se dá a mão a uma força nascente chamando a atenção para quem de direito

a pode proteger, por outro lado aponta-se para o poder unido dos “sem — terra” e sem nada — força problemática no centro da sociedade.

Em Portugal ainda não se tinham unido essas forças e via-se, por todo o lado, a miséria dispersa como no caso “Pai — Dias”.

Neste Campo, Aníbal estava bem porque, não se tendo deslocado, a Mãe Rosa cuidava de tudo e também dos netos.

Eles seriam, brevemente, braços direitos dos pais a tecer e a concertar teares. Eles iriam ser gente com letra grande. Não errariam pelos caminhos porque iriam aprender logo a trabalhar.

Perante toda esta problemática inerente à indústria, Aníbal continuava a interrgogar-se:

— Por onde será o caminho da vitória?

Terá esse caminho a força do vento para abrir metas menos fechadas e algo de inacessibilidade que toquem o impossível?

Provavelmente será azul como sonho que enche o céu.

Talvez a estrada azul do arco-iris que se vê e aponta no firmamento mas não se toca.

Aníbal estava na fábrica do Sr. Figueiredo.

Fora lá parar porque tinha entrado em crise a do Arco.

O pior é que veio nessa altura a obrigatoriedade de todos os operários possuírem a 4ª classe. Aníbal não a tinha. Havia que a fazer.

E portanto foi frequentar uma escola de adultos.

E se quando andou na escola em um ano fez dois e saiu porque já sabia o suficiente para se defender na vida, agora não podia fugir à lei e teve que suportar o trabalho e a escola.

Por isso, às 15h, hora de estar a descansar porque entrava às 18h a fazer o turno da noite, Aníbal caía de sono sobre a carteira, facto que irritava o professor e motivou a não proposta a exame.

Aníbal vai ter com ele e diz:

— Senhor professor!

Quero saber por que é que o Senhor não me propôs a exame.

— Porque não ligas nenhuma.

— Pois eu vou a exame e vou passar e os seus alunos passarão ou não, porque para serem propostos ofereceram um presunto.

Outro professor propôs Aníbal e admirou os seus conhecimentos.

11.

No dia do exame, a profecia de Aníbal cumpriu-se. Alguns alunos passaram outros não.

Da fábrica do Sr. Figueiredo, Aníbal foi para a Maia, para a Fábrica do Sr. Cabral, porque pagava melhor. Ia controlar oito teares mas o dono prometeu-lhe um ajudante para lhe emendar os fios. Não tendo cumprido o homem de uma só cara e de um só ser, levanta-se.

Vai ter com o Sr. Cabral a quem devia amabilidades e amizade porque foi ele que tempos antes o aconselhou a pôr teares em casa — princípio da sua vitória posterior — e pede para lhe falar.

Com respeito à promessa feita, Aníbal pergunta simplesmente como era.

O Sr. Cabral respondeu-lhe irascivelmente magoando-o e sempre a andar tendo até ofendido a sua dignidade com profunda injustiça.

Aníbal dá um salto em frente, põe-lhe a mão no ombro e diz-lhe:

— Vim aqui para lhe falar e o senhor vai ouvir-me. O patrão ouviu-o, pediu desculpa, justificou-se com problemas graves que tinha entre mãos. Deu explicações sobre a razão do seu desespero.

Mas ao outro dia Aníbal estava na Sotex em Lousado. Não iria ficar ainda por aqui.

Começaram, nessa altura, os ensaios para a revolução do 25 de abril.

Um dia experimentou-se a greve lá dentro. Os teares pararam e os operários estavam lá.

Aníbal não trabalhou mas pôs-se a concertar o tear por baixo.

Chamado ao patrão para denunciar o autor da greve, não o fez, o que lhe custou ser mandado embora.

Esta foi a razão que levou Aníbal até à fábrica de Esprela de tinturaria, altura em que resolveu comprar dois teares que funcionavam em conjunto trabalhados por uma só pessoa.

Os filhos iam vindo como a benção da chuva de Verão. Já existem quase todos menos a Goreti.

Todos tinham conhecido o caminho de fábrica da mãe.

Era tempo de pôr a mãe em casa.

Irene trabalhava agora no domicílio, com a filha mais nova no berço, a dormir embalada pela música do novo engenho.

Conta a Irene que, quando o tear parava para reparar qualquer fio ou mudar a lançadeira, a Goreti chorava.

É que esse tear nunca mais parou a não ser para rezar o terço e ao Domingo.

Mesmo a comer se revezavam.

O pobre tear teve sorte pior do que a de burro de Cigano.

Como não havia televisão nem rádio nem veículo a motor para passear, todo o tempo era aproveitado.

Aníbal trabalhava na fábrica até às 14 horas.

Ao chegar a casa fazia uma refeição e ia dormir até ao jantar.

Depois pegava no tear até de manhã, refrescava os olhos, tomava o pequeno almoço e seguia a trabalhar para o patrão.

Quando saía, pegava a Irene no tear até à noite, sem horário.

Era o seu passatempo.

Começa aqui a organização de um grande caminho que não era azul por fora porque tinha que agarrar o concreto e objectivá-lo.

Mas no cerne começava-se a ver alguma luz.

E como o produto estrangeiro entrava cá com a facilidade dos francesismos; bebé, mamã, toilette, etc... a indústria portuguesa ia parando fábricas e teares por ser ultrapassada na concorrência.

Aníbal, apesar de tudo, igual a si, ia alimentando um sonho que nascia: organizar-se em sociedade com o irmão Manuel António e Inocência.

Cada um entraria com 25 contos e a empresa surgiu.

Não era muito mas as migalhitas todas juntas iam chegar.

Quando já tinham, algumas peças, Aníbal e Inocência foram ao Porto arranjar compradores.

Entraram nos Armazéns Pedrosa ao pé dos Clérigos e o dono disse-lhes:

— Tenho muita pena mas os senhores enganaram-se na porta: acabamos de falir.

Mas conheço um senhor amigo que poderá estar interessado no vosso artigo e vou dar-vos o contacto dele.

Nesse preciso momento, entra o amigo pela porta.

Depois de ver as amostras, o cliente encomendou-lhes para as ilhas, mais artigo já do que eles possuíam e lendo seriedade e transparência nos dois irmãos, pagou-lhes logo adiantado a mercadoria que eles tinham e a que ainda estava no tear.

O cheque dava para comprar meio carro novo.

Em face disto, os dois irmão foram a correr a casa na moto velhinha do Aníbal, meteram a mercadoria num taxi e foram imediatamente levá-la a Gaia, à direcção que tinham.

Diz Aníbal que essa pressa toda foi para o Senhor não deconfiar deles.

Ao outro dia, Aníbal correu todos os vizinhos.

Aníbal vai por ali abaixo perguntar a toda a gente que tinha os teares parados e estava sem trabalho nas fábricas se queriam trabalhar para ele, a 5\$00 o metro.

Todos aceitaram e que bom que era para a nossa sociedade poder responder ao volume das encomendas — confessa Aníbal, respirando fundo.

Conseguiu que os fornecedores da teia lhe esperassem pelo dinheiro até ele vender e confessa que, se da parte dele e da família não se pouparam a trabalhos, também teve sorte que toda a gente o ajudou esperando-lhe pela satisfação dos compromissos, de acordo com as suas possibilidades.

Nessa altura, que bom!

Já havia Páscoa com doces na mesa e fartura.

Já se podia ir à Póvoa, aos Domingos, porque já havia dinheiro para o combóio e para o merendeiro.

E também se podia dormir descansado porque, ao canto da caixa, por baixo de um jornal, já havia umas notas que davam para qualquer precalço.

O lenço da mão com um cantinho atado para segurar as moedas já não existia.

O transporte da mercadoria ia sendo feito na mota de Aníbal.

Um dia, porém, Inocência teve um acidente de moto porque era muito difícil transportar aquele tipo de mercadoria neste veículo, a partir do que se recusou a voltar à carga naquelas condições.

Foi então que a sociedade comprou uma carrinha 4L em segunda mão.

Foram os três estreá-la ao S. Martinho de Penafiel.

Esgotaram lá toda a borga.

Não era possível gozar mais.

Que alegria!

Sentiam-se já pequenos industriais motorizados.

Já se vislumbrava o primeiro conforto no trabalho e era uma espécie de subida de escalão social.

Na rota de vendas fizeram amigos, um deles o Sr. João de Vila Nova de Ourém que tinha família na Bélgica e o informou que estavam à venda pelo preço da chuva, teares ultrapassados mas que constituíam cá uma inovação notável e Aníbal partiu para a Bélgica sem saber uma palavra de Francês.

Quem lhe valeu foi a menina Dêdê que o veio esperar e lhe assistiu até à partida.

Com o aumento dos teares e respectivos operários, a pequena firma nascente teve de comprar um grande pinhal a um lavrador, onde é agora a fábrica monumental dos Irmãos Dias. O Ti Manel que lho vendeu baratinho, por 450 contos e também lhe foi aceitando o pagamento conforme os três irmãos fossem podendo pagar.

— Lá nisso, diz Aníbal, muito devo a Deus e aos primeiros amigos que me facilitaram a vida.

Fizeram, então, um barracão e meteram lá os teares todos e o pessoal que já trabalhava para eles porque as fábricas estavam paradas.

Nessa altura, Manuel António quis sair da sociedade.

Foi indenizado e organizou-se independentemente.

Mais teares à venda na Bélgica e Aníbal à espreita. Claro que voltou a comprar tudo o que pode. Desta vez já de carro e hotel tratado.

E regista, desta viagem, uma peripécia engraçada.

Como chegou tarde e não tinha a quem pedir informações sobre a localização do hotel, parou o carro numa beira e adormeceu.

Às quatro horas da manhã um polícia pedia-lhe a identificação.

Aníbal mostra a reserva do hotel dizendo que não deu com ele.

O polícia ri e aponta-lhe para a casa em frente.

De regresso com novas máquinas, tudo se multiplicava como o azul pelo céu além.

E a cada momento era preciso mais casa, mais máquinas, mais pessoal.

Começavam a ficar para trás os tempos pardos da cabana e da pobre casinha de rachão e barro que Pai Dias conseguiu construir.

Somatório de bocados pós laborais a rachar pedra no monte os bons lavradores transportavam-na gratuitamente nos seus carros de bois, com a oferta de um ou outro pinheiro para fazer o telhado. Assim ela nasceu das mãos e do coração.

Aníbal também já tinha a sua em Lousado. Embora trabalhando muito, o caminho surgiu, bem azul e cor de rosa e a vida começava a sorrir dentro do seu novo planeta. Chegara finalmente a realização das profecias da cabana.

12.

Já trabalhavam alguns filhos e já sabiam consertar teares.

Aí o irmão Inocência e um outro sócio de Lisboa retiraram-se. Era pelo ano de 1980.

Foram dados a cada um 10 000 contos.

Ao sócio de Lisboa foi-se pagando em pano.

Ao irmão Inocência deu-se terreno, carrinha, e 100 contos por mês até cobrir a dívida.

Não faltava quem dissesse:

“— Aníbal vai-se afundar”.

Mas Aníbal fez sociedade com os filhos e todos a trabalharem de verdade, ao fim de pouco tempo estava vencido o monstro do começar do nada, sem leira nem beira, nem tostão.

A partir daí tudo se multiplicava a nível de milagre. Todos os filhos, genros e noras trabalham

lá. Por isso a sociedade tem o nome de Irmãos Dias e a terceira geração pode crescer e vir que não lhe falta lá trabalho.

Neste momento, a fábrica Irmãos Dias é sem dúvida uma das maiores e mais saudáveis unidades fabris com prestígio nacional e internacional em fulgurante actividade, podendo Aníbal orgulhar-se de que tem nos filhos os seus dignos seguidores.

Por detrás da Fábrica dos Irmãos Dias, pelo meio dos seus terrenos, comprados com o nome de Bouça Marinha, abriu-se uma rua nova que vai ter à Abelheira.

Do lado Norte levantam-se, no meio de jardins técnica e artisticamente estruturados, seis monumentos modernos de granito onde a prosperância reina e grita. Este culto da pedra talvez esteja ligado à herança familiar de canteiros que deixaram a sua marca em portais e casas senhoreais da zona.

Essas casas são prémio e refúgio de quem muito trabalhou, muito sofreu e muito continua a trabalhar quase sem tempo para usufruir esse merecido paraíso.

Porém, o que mais impressiona a quem visita estes descendentes é a harmonia e amizade sincera e espontânea que os liga.

A inter-ajuda pronta e generosa, o prazer de viverem como se fosse debaixo do mesmo tecto, a

generosidade e a simplicidade franciscana da verdade inteligente e cristã são garantia de continuidade e exemplo num mundo infeliz de solidão e agressividade.

13.

Oriunda de Bougado (S. Martinho e Santiago) na encruzilhada das estradas de Braga-Porto e Santo Tirso — Vila do Conde, a família Dias habitou as terras vizinhas conforme as exigências da vida o requeriam.

Localizados agora em Bougado, os Dias orgulham-se de uma terra que tem ainda dois marcos romanos. Um de Constantino e outro de Licínio, bem como a ponte romana de Lagoncinha sobre o Ave.

Santiago, mais agrícola, foi terra de gente ilustre no passado.

Lá se deu guerra e se fez frente, nas invasões francesas, ao exército do general Soult. Por lá passou Nazoni, autor da Torre dos Clérigos e do Palácio do Freixo, tendo deixado a Igreja marcada pela sua mão.

Pena foi que na sua reconstrução o pároco tivesse deixado mutilar muito do seu valor primitivo.

S. Martinho, terra de canteiros, pedreiros, pastores, montados intermináveis e maninhos ultrapassou Santiago pela rápida industrialização de que foi alvo.

As duas freguesias formam agora a Cidade da Trofa, que quer dizer capa de junco, caroça.

O nome veio-lhe da estação do caminho de ferro onde, em tempos idos, se fabricava aquele produto manual e rústico, vindo a predominar sobre o nome primitivo de Bougado, que não ultrapassará esta geração.

A revolução industrial, feita tardiamente em Portugal, instalou-se na Trofa, começando por S. Martinho, a partir de 1960, sendo este facto explicação da evolução explosiva da sua expansão demográfica que em vinte anos se multiplicou trinta vezes

Proliferavam as indústrias de fiação e tecidos em que se insere a família Dias, metalomecânica, madeiras, moagem e montagem de camiões.

Nesta prosperidade material, passará despercebido aos cultores de cifrões a maior riqueza que não funciona nas estatísticas e nem por isso deixa de ser a mola real do progresso e do êxito — a unidade da família — equilíbrio afectivo e amor que tudo vence.

Diz Aníbal que o que mais lhe custou sempre foi ver os seus pais no contrabando. Tinham de ir

de combóio a Espanha, vender ovos escondidos em coletes especiais porque, à mais pequena suspeita, os carabineiros atiravam. E ainda levavam duas crianças ao colo.

Pão caro!

Caríssimo!

Pão do coração, porque o coração no seu lugar encontra na vida soluções que a inteligência não atinge. É nessa posição que as pessoas aprendem a ler o mundo de maneira diferente. É nessa altura que o sangue fica a conhecer bem o seu sangue e a ler a grande fortuna que os cifrões não conseguem dar. E as palavras nunca são de guerra nem de aço. São palavras de viagem, de fadas boas, palavras que têm mãos e braços e cabeça. São palavras que abraçam e riem e voam ou choram. Mas palavras sagradas que dão fruto como as mãos verdes no campo.

Daqui nasceu Aníbal. Simples, disponível para ajudar instituições, amigo do seu amigo e coração grande.

Um dia, na estrada da Póvoa — Trofa, foi surpreendido por um acidente grave e parou. Estava em causa a vida de um homem e não podia fazer nada.

Quando chega a ambulância dos Bombeiros da Trofa e lê nela o seu nome, aquele homem de olhar forte e decidido, braços em posição de trabalho prontos para tudo e cabeça bem levantada, pôs-se a chorar.

Foi lindo ver o seu donativo a salvar uma vida. Homem que chora, homem sentimental, tem coração inteligente e gestos que rezam humanidade.

Os vizinhos actuais também são todos amigos e cordatos.

A Sra. Leopoldina de Burgães, com oitenta anos, gosta muito do café de Santo Tirso e a Inês trá-lo sempre que vai à feira, atitude que a velhinha agradece com legumes e ovos das suas galinhas.

Outra vizinha simpática e faladeira é a Palmira Seabra que só se vê e encontra no caminho da Missa. De resto, todo o tempo lhe é pouco para a família e para a sua casa de onde nunca sai.

São de referir as irmãs São e Margarida, alegres e prestáveis, a Irene lavradeira que nos agradece tudo com legumes, abóboras, etc... A Lourdes, a Joaquina, a Albina e todos os sobrinhos, amigos mesmo como quando os nossos pais chegaram a este monte pela primeira vez e se protegiam e ajudavam como único recurso de sobrevivência — diz a Inês.

Tirando o problema do poço público que os herdeiros do Sr. Cruz nascidos fora e a viverem fora levantaram outra vez, caso a julgar em tribunal no dia 7/4/97, todos os daqui são uma família a exemplo de Pai Dias e Mãe Maria cujo tesouro era a família e os amigos.

Este modo de estar na vida dá às pessoas uma estabilidade psíquica, um ter asas sem peias e o calor, a certeza o apoio e a confiança de uma companhia leal. É que os caminhos do sangue são estáveis, infinitos e quentinhos, com a magia e a força da unidade. Parece que as pedras da calçada se riem para nós e os seres da noite nos oferecem sonhos e baladas especiais. E nasce dentro de nós, confiança e força para lutar por um ideal. Essa é a força secreta que faz os grandes homens e as grandes obras.

Aníbal teve seis filhos.

Mais tarde, como era de esperar, o deus Cupido acordou e o amor foi espreitando àquela casa, agora já confortável, mas sem luxo chocante nem agressivo.

Assim, no dia 6 de Agosto de 1978, a família cresceu e ficou mais rica. O Manuel e a prendada Maria de Lourdes uniram os seus destinos na Igreja de Ribeirão.

O banquete foi na Casa da Pereira, pertença da mãe da noiva com mais de 250 convidados.

...E o amor fez uma festa

... e acendeu pássaros azuis no céu com asas de sol a abrir destinos

...e fez de cada coisa do universo um mundo novo de música e ninhos, de renda e versos...

...e calou, atrás de montes sombrios, dias que

nasceram sem olhos nem caminhos ... e pôs em flôr
as palavras do noivado:

paz, trabalho, filhos, família, amigos

Por isso, aqui estão

Com as mãos cheias de estrelas e a alma em
festa para dizer:

“TE DEUM LAUDAMUS”

Sérgio e Sílvia continuarão este sonho com
perfume a laranjeiras.

Segue a vida com Carlos e Zulmira, no calor
do Verão, vestidos de noivos a rigor. Entraram na
Igreja da Trofa onde Deus abençoou a sua união e
os seus vindouros: Patrícia, Joana, Helder.

O mesmo caminho seguiu Ascensão e Armindo que
se orgulham dos seus rebentos: Renato, Daniel e Diogo.

Fátima e Armando têm todas as suas esperanças
em Tiago, Ana Sofia e Simão Aníbal.

E no dia 12 de Setembro de 1987 Aníbal, bem
feliz, leva pelo braço a branca Goreti que entrega, no
altar de Senhora das Dores — Trofa a José Manuel.

Não se podia desejar nem sonhar mais unidade
e amor.

Por isso, canta-se no coração da família o
robusto João Manuel, a sonhadora Diana Sofia e a
divina Sara Maria.

José Augusto e Conceição, na Igreja de Ribeirão pediram bençãos para seus vindouros — Pedro Miguel e Susana Maria.

O saldo das alegrias e vitórias pesam muito mais no prato da balança do que os desgostos companheiros de todo o ser humano.

Está realizada a profecia das músicas naturais na cabana:

“Irás ser alguém, Aníbal!”

Agora, o repouso merecido que ainda não chegou. Mas a alma está atenta e não esquece nada nem ninguém. É o momento em que o homem começa a ver a sua vida como num filme, como uma história em que o protagonista é ele próprio no meio de todos e de tudo, trazendo no fado, a estrela da emoção. A memória é fiel ao coração.

E o coração volta-se para as suas origens:

— Pai!

Esta noite, ao passar na Abelheira lembrei-me de ti...da Carvalheira assassina que já te não deixou fazê-la em carvão.

E o meu coração estremeceu.

Queria ir acordar o Sol

cedo, muito cedo, Quisera ir buscar a canção mais linda do vento e a primeira giesta em flor,

...e dizer-te com elas, Pai,
todo o meu amor

A última cubata foi ali.

O buraco ficou aberto muito tempo. Nunca
mais se encheu de lenha nem tapou nem se gastou
a última partida. Tudo ficou no monte ao pé da
carvalheira negra...

A ti Mãe!

O vosso Miúdo vive bem.

Anda comigo a Espanha, sentada a meu lado,
ver a rua onde vendias os ovos
não te cansas!

nem tens medo dos carabineiros

Vamos!

Tantas vezes te cansaste!

Mil voltas que me deste!

...e milhões de vezes que chamaste por mim
Ensinaste-me a viver

a amar...

a dar-me...

Não tinhas casa

e sempre me deste lar

... e o nosso cantinho
estava nas tuas mãos.

Viajava em barquinhos de papel
com o Sol dos teus olhos
e cobrias-me com as tuas asas cor de rosa
e tinha uma certeza
em cada amanhecer
e saltava pedras sem cair
Só não me ensinaste a brincar.
Mas aprendi contigo a ser amigo
e filho...
e pai...
a construir...
a ser feliz...
a amar o mundo, o Sol, o renascer...

Mãe!

gosto de ti
Porque me ensinaste
A oração das estrelas
O mistério do luar
A força do trigo
a canção do mar
Porque semeias
Na noite calada
Primavera e madrugada
Gosto de ti, mãezinha
Porque me ensinaste a dar.

Mas Aníbal recorda mais... Fala com a maior ternura da sua sogra Rosa, que tanto os ajudou.

Faz-lhe justiça porque sabe que ninguém vence nem perde na vida sozinho.

Quantos tiveram a mão amiga da vitória e quantos só pela falta de um dedo ficaram pelo caminho...

É pois, Mãe Rosa a santa velhinha...

De mãos verdes pelos campos...

Criou os netos...

Fazia para nós a cama, o jantar, o café...

Cuidou das roupas...

Arrumava tudo e punha flores no ar...

e ganhou dinheiro...

De cabelos brancos, cansados...

Beijou-nos...

Obrigado mãe Rosa!

Por ti e pela companheira que me deste!

Graças a Deus pela família que herdei.

Agora uma palavra de mel,

logo uma azeda ou um sopapo na hora,

mas tudo falava de amor

14.

Já não sinto a penumbra dos pinhais, nem a música que lá deixei nem os pés indecisos do lampião da minha outra vida em oblíquas.

Atravessei a noite, todas as noites de sonhos impossíveis com sol aos bocadinhos em oceanos de esperança e com a infinitude do espaço no querer com as mãos todas.

Talvez um dia de céu parado na plataforma do entardecer num dia que a história não vai registrar, deixarei no horizonte uma tela de alegria e, por trás, palavras ao jeito de saudade, sem lágrimas e com muitas cores.

O passado está polido e habita um convento de borboletas.

Enchi a alma de searas para semear jardins.
Hasteei a bandeira no meu planeta.

“Consumatum est”

Recordações, saudades dentro de um Mercedes
que passa nas ruas de Bougado, outrora caminho de
lama percorrido por Miúdo e Jiriquina.

EIS O HOMEM

forte,
sentimental,
religioso,
amigo,
solidário,
generoso...

DESEJOS?

Filhos amigos e felizes
cidadãos pacatos,
respeitadores e respeitados
... e que continuem a herança
que lhes deixo: muitos amigos.

O Menino Que Mereceu Outro Destino
(biografia)

Araújo, Maria Helena, 1997
(Autores de Língua Portuguesa)

Edição

Editorial 2003

Casa de Abrunhais, Cx. 121

Pousa

4750 Barcelos

Tels. 053-912086

Telem. 0936-315742

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1997, Maria Helena Araújo

1.^a Edição – Janeiro de 1997

Depósito Legal

n.º 107593/97

Capa:

Miguel André Araújo
(dedicada a Mónica Passos)

Impressão e Acabamentos:

Oficina de S. José

Braga

Tel. 053-22634



Maria Helena (Araújo) com os apelidos Ribeiro Soares de Sovza Dias nasceu em Areias de Vilar – Barcelos.

É Mestre em Ciências da Educação para o Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade do Minho.

Licenciada em Filologia Românica, pela Universidade do Porto, onde concluiu também o curso de Ciências Pedagógicas.

Curso o Esquema Filosófico-Humanístico da Faculdade de Filosofia de Braga.

Fez em Paris o Curso Superior dos Estudos Franceses Modernos e dois cursos de Verão sobre Língua Francesa e Francês Falado.

A convite da Embaixada de França estagiou em Linguística Aplicada na Universidade de Línguas e Letras de Grenoble.

Fez na Universidade de Salamanca um curso de Verão sobre Literatura Infantil.

Foi professora de todos os graus de ensino em Portugal e actualmente é Directora Pedagógica da Universidade Minhota do Autodidacta – Polo de Barcelos.

É membro da Obra Mundial para o Ensino pré-escolar e da Associação Luso-Espanhola de Pedagogia.

Escritora pedagoga e de Literatura para a Infância publicou em psicolinguística:

- Textologia e Redacção, 1.º vol, 1979
- Textologia e Redacção, 2.º vol, 1980
- Os 7 Anõezinhos
(Método de iniciação à Leitura)
com os seguintes elementos:
 - livro de leitura para o 1.º ano;
 - fichas para o 1.º ano;
 - cassete audio com os grafismos musicados e canções para todos os textos do livro;
 - e o Guia do Professor, 1981

- Gramática Figurativa 0
- Gramática Figurativa 1
- Os 7 Brinquedos
(Meio Físico e Social)
- 4 Cadernos sobre a Interdisciplinaridade e o Acto de Ler

No sector da Literatura Infantil escreveu:

- A Literatura Infantil e o Acto de Ler
(Tese de Mestrado na Universidade do Minho, Braga), 1987
- Os 7 Castelos, livro do 2.º ano de escolaridade
- Os 7 Castelos, fichas do 2.º ano de escolaridade
- Foguetão 2000 (método português de iniciação lúdica à leitura para crianças lusófonas) dos 4 aos 8 anos, 1996
- Foguetão 2000 livro de leitura para o 1.º ano
- Foguetão 2000 fichas de leitura para o 1.º ano
- Foguetão 2000 – Asas Verdes
– Guia do Professor
- Cassete audio para a Propedêutica
- Cassete de vídeo para a Propedêutica da leitura
- De parceria com uma equipa de docentes da Universidade do Minho prepara a cobertura, em CD-Rom de todo o programa Pré-escolar e Básico em sistema lúdico
- CD-Rom Foguetão 2000 com:
Histórias Maravilhosas e Fantásticas com jogos para a iniciação precoce à leitura – 1997
- CD-Rom com Histórias Maravilhosas e Fantásticas com jogos e sinais de trânsito em sistema interdisciplinar – 1997
- CD-Rom Cultura Geral e Científica em jogos com Histórias Maravilhosas e Fantásticas, também para faixa etária dos 4 aos 8 anos, 1997.

Literatura para a Infância:

- Papá Sol tem muitas cores
- Anax o malmequer sonha
- Paro em 4 estações
- Geometria... Tria... Tri
- Amigos do Coração T
- Airam o Cavalinho sei
- A Lua é uma menina
- ... e aconteceu Portuga
- Bom dia noite! Olá
- Lélé no país do vento
- Joaninha subiu à flor azul...

biblioteca
municipal
barcelos



26949

O menino que mereceu outro destino